

O discurso de resistência como metáfora política da Literatura Fantástica em cenário de crise democrática /

The discourse of resistance as a political metaphor of Fantastic Literature in a scenario of democratic crisis

*Osana Santos Morais**

Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil, Mestrado, Atuação na área de aplicação de projetos interventivos de aprendizagem, sobretudo no campo da alfabetização, com expressiva contribuição na proposta educativa de escolas públicas do Estado do Piauí e do Maranhão, através da implementação do Projeto Borboleta.

 <https://orcid.org/0000-0002-2351-4229>

*Saulo Cunha de Serpa Brandão***

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, Doutorado, Atuação nos seguintes períodos: literatura estadunidense pós-1920, literatura inglesa elisabetana e com interesse específico nos seguintes temas: Pynchon e Shakespeare; outros interesses: literatura brasileira de viés fantástico, literatura latino-americana de viés real-maravilhoso, ferramentas telemáticas, estilometria, lexicometria, pós-modernidade e mimetismo.

 <https://orcid.org/0000-0002-5091-2804>

Recebido em 23 mar. 2024. **Aprovado** em: 24 out. 2024.

Como citar este artigo:

MORAIS, O. S.; BRANDÃO, S. C. de S. O discurso de resistência como metáfora política da Literatura Fantástica em cenário de crise democrática. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 4, e2290, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14542451>.

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão acerca dos mecanismos de produção do discurso de resistência como metáfora política da Literatura Fantástica em cenário de crise democrática a partir de um estudo de natureza crítica analítica das obras *A Hora dos Ruminantes* de José J. Veiga e *O Seminário dos Ratos* de Lygia Fagundes Telles. O estudo tem como objetivo geral a tarefa de compreender a ideia do discurso da literatura fantástica como metáfora política e como objetivos específicos avaliar o grau de sustentabilidade e eficácia desse discurso em meio ao

*

 osanamorais@outlook.com

**

 saulo.brandao@ufrpe.br

crecente recrudescimento dos governos autoritários. As contribuições teóricas de Todorov (1981), Berardinelli (2011), Camarani (2014), Candido (2015), Vereza (2010), dentre outros fundamentaram as análises aqui empreendidas as quais ressaltam a relevância da efervescência dos discursos de resistência abrigados no seio da Literatura Fantástica como viés de fratura dos diferentes campos de saberes hegemônicos em uma realidade mergulhada em crises.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de resistência; Literatura fantástica; Metáfora; Política.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the mechanisms of production of the discourse of resistance as a political metaphor of Fantastic Literature in a scenario of a democratic crisis based on an analytical critical nature study of the books *A Hora dos Ruminantes* by José J. Veiga and *O Seminário dos Ratos* by Lygia Fagundes Telles. The study has as its general objective to understand the idea of Fantastic Literature discourse as a political metaphor and as specific objectives to evaluate the degree of sustainability and effectiveness of this discourse amid the growing resurgence of authoritarian governments. The theoretical contributions of Todorov (1981), Berardinelli (2011), Camarani (2014), Candido (2015), Vereza (2010), among others, substantiate the analyzes undertaken here which emphasize the relevance of the effervescence of resistance discourses housed within of Fantastic Literature as fracture bias of different hegemonic fields of knowledge in a reality steeped in crises.

KEYWORDS: Discourse of Resistance. Fantastic literature. Metaphor. Politics.

1 Introdução

A chamada temática *Literatura comparada e Ensino de Literatura* lançada como propósito de pesquisa e produção pela *Revista Letras Raras*, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG no ano de 2024, cai no solo de nosso projeto de pesquisa, de forma muito fecunda a oportunidade para refletirmos mais detalhadamente sobre “Os discursos de resistência em cenário de crise democrática”.

Conduzimos uma pesquisa que se intitula “Entre Ratos e Ruminantes: A Política do Fantástico em Veiga e Telles” que prioriza a reflexão acerca do discurso literário em tempos de crise política e social a partir do estudo do discurso da literatura fantástica no universo das obras *O Seminário dos Ratos* de Lygia Fagundes Telles e *A Hora dos Ruminantes* de José J. Veiga, na qual, um dos nossos objetivos específicos consistiu na tarefa de verificar o nível de contestação e resistência evidenciado na linguagem de cada uma dessas obras, considerando no seu contexto de produção, as experiências do cenário sócio-político, vivenciadas no Brasil entre os anos de 1964 a 1985. A pesquisa em tela está concluída e é chegada a hora de difundir os nossos resultados.

Neste sentido, a produção do presente artigo, à luz das aprendizagens construídas em campo dos estudos que recém finalizamos se justifica pelo sombreamento existente entre estes e a proposta da chamada específica dessa revista.

As temáticas que elegemos também se propõem a contribuir com a discussão, numa perspectiva crítico-analítica elegendo o discurso da literatura fantástica, como um discurso capaz de conversar sobre a realidade de um tempo específico, esteja este tempo marcado na cronologia de um passado ou de um presente, na vida desta ou daquela nação, de nosso povo ou de outros povos, consolidando-se como síntese e projeção das experiências humanas, uma vez que, partimos da premissa, de que a literatura fantástica instaura a construção de um novo discurso que mistura o realismo com o fantástico e abarca uma dimensão política, na medida em que suas narrativas costumam incorporar uma posição crítica implícita contra a elite dominante, assumindo notadamente, uma postura subversiva diante de alarmantes crises sociais e políticas que exigem novos rumos, novas decisões e novos caminhos.

Comporta aqui a compreensão de que esse discurso da literatura fantástica se caracteriza pela capacidade de renovação na forma de narrar, clareando os polos de poder, o lado que manda e o lado que obedece, o opressor e o oprimido. Dinamiza esse exercício literário de forma tão metafórica que burla censuras, fazendo com que a elite dominante não compreenda o que está sendo dito ou não encontre espaço para contestar esse dizer.

É com este propósito de reelharmos as estratégias e os mecanismos dos discursos de resistência evidenciados na Literatura Fantástica que o presente artigo assim se denomina e se orienta: O discurso de resistência como metáfora política da Literatura Fantástica em cenário de crise democrática. Nele buscaremos compreender a ideia do discurso da literatura fantástica como metáfora política, bem como, avaliar o grau de sustentabilidade deste discurso em meio ao crescente recrudescimento dos governos autoritários e, por conseguinte, instigar reflexões em torno da possibilidade de se considerar a eficácia do discurso da literatura fantástica em tempos de crises, por acreditarmos ser possível que o discurso desse gênero se fertiliza com mais ampla propriedade na esteira da subjetividade humana, uma vez que através da fantasia, mentes leitoras diversas, compreendem mais facilmente determinados assuntos, sejam eles, brandos, polêmicos, ou severamente críticos, mas naturalmente advindos dos conflitos vivenciados no plano da realidade existencial concreta da sociedade em um tempo e espaço bem demarcados.

Em outras palavras, a obra literária é a representação criativa de uma realidade imaginada, ficcionalizada. Contudo, esse universo ficcional criado mantém relação viva com o mundo real. Assim, para aqueles que buscam a literatura apenas como forma de entretenimento, lazer e diversão, a literatura fantástica alcança esse objetivo pela sua natureza misteriosa, cotidiana, cheia de fantasias e sentimentos humanos, mas, para aqueles que a buscam como

veículo de análise e de crítica social, para aqueles que conhecem sua própria história e as histórias circundantes da vida de um povo, para aqueles que relanceiam olhares para além da contação, haverá a percepção de que o colocado em uma obra de cunho fantástico pode simbolizar as relações opressivas, as relações sociais implantadas naquele momento da sociedade, fazendo valer na prática, aquilo que já dizia o poeta mexicano, Otávio Paz (2005), quanto ao fato de ser a literatura o retrato da realidade encoberta pela teia da ficção, mas que, exige necessariamente um novo fabular que alcance outras percepções da realidade, percebendo contextos tratados a partir de outras linguagens.

A respeito disso podemos demarcar no conto Seminário dos Ratos de Lygia Fagundes Telles e no romance A Hora dos Ruminantes de José J. Veiga as marcas de um discurso de resistência que ilustram as experiências dos anos de chumbo, período de extrema radicalização política no Brasil e no mundo, vivenciado em diferentes momentos do século XX e, que no contexto do século XXI se renovam a partir de outros mapas sociais, políticos e estratégicos ocasionando novos espaços e novos discursos para a Literatura Fantástica, que em tempo algum perde a vertente de contestação da realidade e configura-se decisivamente como discurso de resistência em um cenário de crise democrática.

A hipótese do presente estudo consiste em acreditar que a cada momento de crise social, política e econômica, quer seja no Brasil dos anos 60 e 70 ou em qualquer outro espaço social de conflitos do tempo presente na vida coletiva de um povo, o discurso estruturante da Literatura Fantástica cumpriu e cumpre um papel de firme contestação, e desta forma, sempre estará presente nos olhos da crítica, assim, o olhar da crítica literária para com a Literatura Fantástica se renova a cada momento de crises verificadas no âmbito de Brasil ou de mundo.

2 Pressupostos teóricos

A proposta de investigação do discurso fantástico entrecruzado no *corpus* estruturante deste estudo permitiu o alcance de um olhar especializado sobre o estilo de cada autor, a apresentação do enredo, o recurso das vozes, das figuras, enfim, da abordagem, tendo em vista que ambas as narrativas se assemelham ao apresentar ao público leitor uma espécie de interlocução simbólica entre a ideia de liberdade e opressão do homem em tempos de recessão e em tempos de paz, sobretudo, uma interlocução simbólica com aspectos da realidade circundante do Brasil e do mundo contemporâneo marcada por graves crises políticas e o desejo de

revitalização da democracia.

As fronteiras do fantástico serão aqui tratadas, inicialmente, a partir das cercanias de duas ordens de acontecimentos, conforme trata Todorov (1981, p.16), os do mundo natural e os do mundo sobrenatural, integrando no universo de análises as palavras chaves, “mistério”, “inexplicável”, “inadmissível” que foram objeto de criterioso levantamento por parte do autor, ao buscar uma definição para o termo fantástico, valendo-se de diferentes enunciados construídos a partir do século XIX. Todorov delimita o conceito de fantástico entre essas duas ordens de acontecimentos, enquadra-o no tempo da incerteza, da hesitação, da vacilação entre as causas naturais e as causas sobrenaturais, em suas próprias palavras: “a possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico”.

Esse efeito fantástico fruto desse momento de vacilação e de tensão pode promover uma atmosfera política no bojo do discurso, aquilo que consideramos como metáfora política do fantástico, balizados nos estudos de Rancière que coloca a política da literatura no palco da constituição estética, elevando-a para além dos engajamentos pessoais nas lutas políticas e sociais nas quais os escritores naturalmente se envolvem ressignificando a política da estética na reconfiguração do sensível, conforme defende que “as novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos [que] determinam capacidades novas, em ruptura com antigas configurações do possível” (RANCIÈRE, 2012, p.63)

Nessa perspectiva, o entendimento de que a literatura para ser política, deve trazer em si, conteúdos e temas engajados, passíveis de transmissão em vistas à formação de consciências e tomadas de decisão torna-se limitado, inapropriado e ultrapassado. No tempo presente, há de se combater experiências passadas em que a relação entre arte e política se dava por simples conveniência ou dependência. Em outras palavras, a literatura do tempo presente não se satisfaz mais em documentar pessoas e eventos reais, mesmo que ela agregue dados experienciais daquele que a produz. Neste momento, o fundamento da ação criativa é a dimensão estética que, de forma inventiva, relata linguisticamente as percepções que foram despertadas durante o ato criativo.

Há de se ressaltar que a tarefa de refletir sobre possíveis articulações entre literatura e política remonta uma linha de tenso debate entre críticos de longa data, isto porque cada um dos polos aqui dimensionados constitui verdadeiros campos de conhecimentos que, ao longo da história, estruturaram suas bases teóricas à luz de referenciais próprios em busca de suas próprias especificidades, definições e caminhos historicamente construídos.

Esta questão é elemento de notório debate da crítica literária e, segundo Gao Xingjian (apud ESTEVAM, 2011, p. 22), a sociedade literária não pode esquecer as práticas de contenção, de controle e de direcionamento ideológico impostas a todas as manifestações intelectuais produzidas no século XX, incluindo a literatura e a própria crítica da literatura, fato que resultou, em diferentes partes do mundo, num saldo histórico de vários literatos perseguidos por conta de seus escritos, dezenas e dezenas de artistas exilados durante regimes militares implantados via golpes, além é claro, de muitos intelectuais “desaparecidos” ou torturados.

O autor Gao Xingjian insiste que a “liberdade de pensamento e de reflexão afastada de qualquer ruído externo” (apud ESTEVAM, 2011, p.23) é essencial para o artista e o exercício de ambas as práticas confere à literatura uma potencialidade única que transcende à ideologia, à política e ao próprio benefício assistencial prático. Neste sentido, aponta para alguns pontos que julga importantes na tarefa de equilibrar os polos do discurso entre literatura e política: 1. Os depoimentos da literatura se valem da estética; 2. As emoções evocadas pela estética são capazes de impactar leitores de diferentes nacionalidades e diferentes épocas; 3. A obra literária é um veículo que circula o mundo inteiro e transcende tempo e espaço; 4. A literatura é atemporal, não tendo, a ideia de era, nenhuma relevância e 5. A literatura não é um relato dos fatos.

Esses aspectos elencados por Gao Xingjian, analisados de forma mais específica, pressupõem a compreensão de algumas características basilares da dimensão do discurso político implicado no fantástico, a articulação entre literatura e estética, por exemplo, quando se observa nas entrelinhas da ficção, vínculos significativos entre a arte e o mundo, oportunidade em que se identifica a configuração da Redução Estrutural, conceito desenvolvido por Antonio Candido, entendido como “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (CANDIDO, 1991, p.119). Nesta perspectiva, o caráter artístico configura os aspectos sociais da vida imediata, fazendo da obra literária um veículo importante de exposição das ideologias escondidas, logo, o valor dessa obra encontra-se estreitamente ligado à sua capacidade de se relacionar com a realidade.

Ranciére (apud MANNA, 2012, p. 98) também discorre sobre essa unificação entre literatura e estética. Segundo ele, a estética unifica a literatura e a política de tal forma que a própria ficção não alcança simplesmente o status da contação de história da imaginação, diferente disso, ela se constitui na construção viva de uma nova relação entre a aparência e a realidade, o visível e o seu significado, o singular e o comum. Segundo o filósofo, onde há estética, há política

e este ponto em comum promove um tipo diferente de imaginação política que, de certa forma, desafia os códigos fundamentais de uma cultura.

Embora essa dimensão do discurso político não seja elemento de exclusividade da literatura fantástica, observa-se que nessa literatura essa dimensão encontra alargado campo de concentração, facilitado pelos traços característicos da hesitação, os quais configuram o estabelecimento de uma partilha do sensível capaz de operar com maior propriedade, olhares críticos acerca de elementos associados à ideias contraditórias entre o visível e o invisível, o real e o imaginário, o racional e o irracional, o verossímil e o inverossímil, a transparência e a ocultação, a espontaneidade e a sujeição à regra, os valores positivos e os valores negativos, enfim, diferentes enfoques de ambiguidades que fraturam o campo de saberes hegemônicos, não exatamente negando-os abertamente, muito menos manifestando consensos ou sobreposição de poderes, mas, diferente disso, encontrando formas alternativas de inserir novas maneiras de olhar uma dada realidade que se apresenta.

O pensamento rancieriano parece sinalizar para a compreensão de que existe uma raiz comum entre os dois termos “política” e “arte literária” e esta ideia do sensível, da construção de sentido e espaço de ocupação do ato de escrever, talvez converse com a possibilidade de situacionalizar o fazer estético na composição de uma escrita de cunho político com dimensão alegórica.

Manna (2012), balizada nos estudos de Rancière (1994), propõe uma reflexão acerca da dimensão do discurso político implicado na narrativa fantástica a partir de uma análise sobre a configuração da ideia do sensível e do processo dialético de concordância discordante das experiências temporais no âmbito ficcional, oportunidade em que explica que “as narrativas fantásticas são aquelas em que a dimensão discordante – encarada na sobrenaturalidade, no absurdo, no irrazoável, no insólito - se põe a desafiar a concordância – a normalidade, a estabilidade, o equilíbrio, a ordem” (2012, p. 99).

A obra *A Hora dos Ruminantes*, narrada em tempo real, “aquele tempo em que o sol mal se afundava atrás da serra” (VEIGA, 1972, p. 1) encontra-se amplamente caracterizada por elementos da dimensão discordante em que o predomínio de um realismo fantástico mistura o mundo conhecido com o desconhecido, beirando ao absurdo exemplificado através da metáfora das duas invasões à Manarairema.

A primeira, a invasão dos cachorros que instauram o pânico na cidade, invadem as casas e acuam os habitantes:

Era impossível saber quantos seriam, quem tentou calcular por alto desistiu alarmado, eles estavam sempre passando e pareciam nunca acabar de passar. Pelo meio da manhã o cheiro de pelo suado, de urina concentrada, de estrume pisado era tão forte que invadia as casas e obrigava as pessoas a queimarem ervas para espantar a morrinha (VEIGA, 1972, p. 35).

A segunda, a invasão dos bois que encurralam a cidade ficcionalizada, aprisiona os moradores tirando-lhes a tranquilidade.

Durante o resto do dia e ainda por toda a noite mais bois chegaram, pisando em tudo, derrubando casas de pobres, invadindo corredores de ricos, espreitando-se uns contra os outros, as cabeças levantadas para os chifres não embaraçarem, sem espaço nem para erguerem o rabo na hora de defecar, a matéria saindo forçada pelas pernas abaixo, breando tudo (VEIGA, 1972, p. 35).

Os trechos acima, por exemplo, que retratam as duas invasões à Manarairama, parecem conduzir o leitor a construir um esquema imagético com base experiencial análoga às experiências vivenciadas durante o império do Regime Militar, uma espécie de transporte de sentido das experiências comuns ocasionadas pela violência estabelecida com um movimento político que afetou diferentes dimensões da configuração social e da vida cotidiana do povo brasileiro.

A partir desse jogo de aproximação imagética ou outras aproximações, construídas a luz de outras possíveis leituras, remete-se esta reflexão para um estudo mais específico acerca da possibilidade de compreender o papel da metáfora na construção do texto literário de Veiga para além da função de ornamento, diferente disso, o jogo metafórico por ele utilizado constitui símbolo expressivo da dimensão da cognição não exclusiva de um leitor, mas de um “inconsciente cognitivo coletivo”, conforme explana os estudos de Vereza (2010), ao tratar o discurso como o “locus da memória” balizada na Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson:

A metáfora para a maior parte das pessoas é um mecanismo da imaginação poética e do requinte teórico: uma questão de linguagem “extraordinária” em vez da linguagem comum. Além disso, a metáfora é tipicamente vista como uma característica da linguagem: uma questão de palavras e não de pensamentos e ações. Por essa razão, a maioria das pessoas pensa que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós acreditamos, no entanto, que a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza (LAKOFF e JOHNSON, 1980 [2002]: 3, apud VEREZA, 2010, p. 201).

Contextualizar a ideia da metáfora do pensamento na literatura de Veiga, significa perceber o discurso narrativo em suas obras como espaço de produção de sentidos, uma narrativa coerente com propósitos criativamente pensados e articulados. Neste contexto, a presente pesquisa parte do princípio de que o pensamento veiguiano, ainda que de forma inconsciente, ao fazer uso das metáforas, estando as mesmas passíveis de serem analisadas como elementos de apreensão de experiências que, de alguma forma, condicionaram a fala e o pensamento de uma coletividade em seu cotidiano em um determinado tempo e espaço, naturalmente se constitui em um discurso literário com viés político, uma vez que a essencialidade da política é a palavra, é o próprio discurso cotidiano, enriquecido de metáforas, expressões diretamente ligadas ao pensamento, à compreensão do mundo e da vida em sociedade.

Semelhante linha de engajamento político é identificada no conto *A Assembleia dos Ratos*. Segundo a crítica especializada, Lygia Fagundes Telles chega aos 95 anos como uma das escritoras mais engajadas da literatura brasileira, sendo responsável por denunciar, em seus livros, inúmeras situações de desigualdades sociais e opor-se claramente ao regime militar implantado no Brasil, durante os anos de chumbo, período de maior repressão e violência (1968-1974).

Candido (1999, p. 92) destaca que a obra de Lígia Fagundes Telles realiza a excelência dentro das maneiras estabelecidas de narrar, ressalta a qualidade da autora em saber “fecundar a narrativa com uma composição que encanta e apreende a realidade pelos aspectos mais inesperados, traduzindo-a de modo harmonioso”. O autor destaca que, no universo avaliativo da crítica literária, tanto no conto quanto no romance, Telles tem realizado um “trabalho ainda em pleno desenvolvimento, sempre válido e caracterizado pela serena maestria”.

Essa maestria ao narrar destacada por Candido, ressaltando as qualidades na escritura de Telles, pode ser observada em diferentes construções ao longo de sua produção, por exemplo, o jogo de hesitação que permeia o enredo de suas tramas, fazendo com que o leitor mergulhe mais profundamente em um clima de mistério, de suspense, de fantasia em torno de sua narrativa que, geralmente, apresenta finais abertos, oportunizando o prolongamento de vivência do fantástico mesmo quando concluída a leitura da obra. É o que, por exemplo, se observa no parágrafo de conclusão do conto ora estudado, nele subtende-se a criação de um espaço aberto para o imaginário do leitor que o permita participar da trama narrada: “Não se lembrava sequer como conseguiu chegar até o campo, não poderia jamais reconstruir a corrida, correu quilômetros. Quando olhou para trás, o casarão estava todo iluminado” (TELLES, 1977, p. 126).

Essa imagem que se instaura na mente do leitor é bem duradoura e mais difícil de cair nas malhas do esquecimento. Telles, questionada por Clarice Lispector acerca do conto em questão, assim se posiciona:

Um conto pode dar assim a impressão de ser um mero retrato que se vê e em seguida esquece. Mas ninguém vai esquecer esse conto-retrato, se nesse retrato houver algo mais além da imagem estática. O retrato de uma árvore é o retrato de uma árvore. Contudo, se a gente sentir que há alguém atrás dessa árvore, que detrás dela alguma coisa está acontecendo ou vai acontecer, se a gente sentir, intuir que na aparente imobilidade está a vida palpitando no chão de insetos, ervas – então esse será um retrato inesquecível (TELLES, entrevista concedida a Clarice Lispector e publicada ao Templo Cultural Delfos, Elfi Kurten Fenske, Ano VIII, 2018).

No conto, o retrato do casarão todo iluminado remonta a sensação de que os roedores estavam todos lá, reunidos em assembleia, planejando alguma coisa. O cenário de aparente imobilidade esconde grande movimentação, mistério e suspense, transformando integralmente a cena final do conto em um retrato de leitura inesquecível.

Essa é a natureza do discurso de resistência evidenciado em textos de cunho fantástico. Em Veiga e Telles, a figura metafórica do medo ao longo do enredo em ambas as narrativas recebe um tratamento criativo bem contextualizado com a dimensão social e política em tempo e espaço bem determinados, ainda que no palco da ficção. O discurso do medo dinamizado na Literatura Fantástica é abordagem teórica de Lovecraft (1890 -1937). Segundo ele, “o critério do fantástico não se situa na obra, a não ser na experiência particular do leitor, e esta experiência deve ser o medo” (apud TODOROV, 1981, P. 20). Observa-se que Lovecraft valoriza a questão da emoção do leitor ao deparar-se com temáticas sombrias e trágicas, as quais segundo ele, também comportam no discurso dos textos fantásticos, instaurando uma espécie de atmosfera emocional, a qual considera como critério definitivo de autenticidade do fantástico.

A título de contextualização, o trecho abaixo ilustra o estilo do discurso que metaforiza a ideia do medo no conto Seminário dos Ratos:

O cozinheiro-chefe tirou o avental, embolou-o nas mãos:
– Vou-me embora, não fico aqui nem mais um minuto, acho que a gente está no mundo deles, pela alma da minha mãe, quase morri de susto quando entrou aquela nuvem pela porta, pela janela, pelo teto, só faltou me levar e mais a Euclídea! Até os panos de pratos eles comeram, só respeitaram a geladeira que estava fechada, mas a cozinha ficou limpa, limpa! (TELLES, 1977, p. 124).

O recorte revela o nível de pavor dos personagens, bem como de espanto em virtude do

ataque abrupto, apesar dos indícios, uma vez não existir uma explicação lógica para o ocorrido. O nível de violência extraído na cena reflete, talvez, situações de vivência do homem em sociedade e estabelece uma ruptura da ordem do cotidiano que instalada no âmago da realidade reforça a função de engajamento do fantástico na persistente tarefa de questionar essa realidade posta.

No romance de Veiga, a simbologia do medo se faz presente de forma bem diferenciada, ou seja, os personagens, em decorrência do medo, assumem comportamentos subservientes diante de fatos que os assombram, por exemplo, os moradores movidos por puro medo reverenciam os cães, conforme trecho abaixo descrito:

Nas ruas, se um cachorro se aproximava de um chafariz, não faltava quem corresse com as mãos em cumbuca para poupá-lo do incômodo de beber da bica. Os cachorros de Manarairrema, antigos donos daquelas ruas, também sofreram grandes humilhações. Quando atacados por um dos estranhos eles não podiam reagir nem se defender, bastava rosnarem e já os donos vinham correndo castigá-los pelo atrevimento. Eles tinham de correr ou se deixarem morder passivamente, se não quisessem levar palmadas (VEIGA, 1972, p. 37).

Percebe-se, tanto no trecho de Telles quanto no trecho de Veiga, que o medo indica uma inversão de poderes ambientados em um cenário ficcional de opressão e resistência. A invasão dos ratos, em Telles, e a invasão dos cachorros, em Veiga, são a personificação do ato humano de vigiar, controlar, prender, em outras palavras, a presença dos animais no corpo do enredo representa a zoomorfização dos homens que violam, invadem, comandam e impõem medo a uma população que se curva e que evita confrontos. O exagero em relação ao número de ratos e cães que invadem um ambiente familiar e provocam toda uma espécie de medo, se classifica como característica do fantástico.

Outra marca expressiva da Literatura Fantástica que pode suscitar um discurso de resistência em cenário de crise democrática é o “sentimento de estranheza”, campo de estudo de Louis Vax, apud Camarani (2014, p. 44), são as emoções basilares que a narrativa fantástica desperta no leitor, de modo a torná-lo estranho a si mesmo, um leitor seduzido pelo próprio sentimento de estranheza e, conseqüentemente, embalado por emoções ambivalentes: sofrimento e fruição. Em outras palavras, comporta no estudo de Vax a compreensão de que a consciência, a sedução e o horror do estranho são elementos articuladores de conflitos no interior da narrativa e valem-se do emprego de certos recursos como a repetição e a linguagem figurada.

Camarani (2014, p. 49) remonta afirmações vaxianas acerca da delimitação do campo da narrativa fantástica, destacando que “ela surge frequentemente de uma ruptura do mundo

perceptivo ou físico (gigantes, mortos vivos), do mundo moral (perversidade) ou do mundo estético (monstros)”, uma ruptura atrai outras rupturas e segundo Vax, o que encanta o leitor da literatura fantástica não são as conclusões da psicologia, nem a vertente dogmática dos credos e ritos, mas exclusivamente o poder de encantamento dos contistas.

Em *A hora dos ruminantes* o estranho se evidencia para além das três invasões: a chegada de cargueiros repletos de homens esquivos, o derrame de cachorros inquietos e turbulentos, e a invasão de bois mansos, gordos e displicentes. A sensação de estranheza se instala em relação a absolutamente todas as ações desencadeadas a partir de cada uma dessas invasões. Tal afirmação pode ser constatada, por exemplo, na falta de cortesia dos invasores para com os moradores da cidadezinha, conforme voz de um narrador onisciente que também parece se deixar tocar pelo sentimento de estranheza diante da chegada inesperada desses homens: “Se aqueles homens eram como Balduino estava contando, empanturrados e atrevidos, Manarairrema ainda ia ter muita dor de cabeça com eles” (VEIGA, 1972, p. 6), bem como no número absurdo de cachorros: “Era impossível saber quantos seriam, quem tentou calcular por alto desistiu alarmado, eles estavam sempre passando e pareciam nunca acabar de passar” (VEIGA, 1972, p. 35), ou ainda a ocupação silenciosa, rápida e sem atropelo também de um número assombroso de bois: “nem que os bois quisessem ir embora, por enquanto não teriam por onde passar: as estradas estavam tomadas a perder de vista. O mundo era dos bois, não havia espaço para outros bichos...” (VEIGA, 1972, p. 88).

Em *Seminário dos Ratos*, a descrição de certas reações, em particular o medo, exemplifica traços do elemento de estranheza, oportunidade em que os sentimentos dos personagens são criativamente construídos, a saber, no próprio título do conto, onde já é possível depreender-se certo estranhamento, preso a uma ambiguidade passível de indagações acerca do objetivo real do seminário, se estaria voltado para apresentar discussões de possíveis soluções para extermínio dos ratos que infestam a cidade, ou ao contrário disso, se seria presidido pelos próprios ratos. Embora no curso da narrativa haja uma desconstrução dessa estranheza inicial, o conto mantém o padrão do elemento de hesitação, levando-o até o fim da narrativa, quando se impacta de vez com a possibilidade de que a exagerada população de ratos tenha, de fato, assumido as rédeas do seminário. Neste intervalo encadeado de ações, diferentes exemplificações do sentimento de estranheza são perceptíveis no comportamento e nas ações dos personagens, nos diferentes momentos em que os ratos invadem o casarão, desde as primeiras ações até o ponto mais alto do conflito que encerra o conto. O trecho abaixo ilustra como

toda essa sensação de estranheza implanta um ponto alto de tensão na narrativa:

... Está ouvindo agora? Está mais forte, ouviu isso? Fortíssimo!
O Chefe das Relações Públicas levantou-se de um salto. Apertou entre as mãos a cara ruborizada:
– Eu não disse? Eu não disse? – perguntou o Secretário. Parecia triunfante: - Nunca me enganei, nunca! Já faz horas que estou ouvindo coisas mas não queria dizer nada, podiam pensar que fosse delírio, olha aí agora! Parece até que estamos em zona vulcânica, como se um vulcão fosse irromper aqui embaixo...
– Vulcão?
– Ou uma bomba, tem bombas que antes de explodir dão avisos! (TELLES, 1977, p. 122).

Paralelo à reflexão acerca dos mecanismos dos discursos de resistência em cenários de crise democrática é relevante colocar em pauta o papel discursivo da literatura fantástica no bojo desses cenários críticos, partindo-se do princípio de que a representação de mundo que a literatura fantástica instaura não pode se dissociar das crises e dos impasses políticos, sociais, científicos, filosóficos, experienciados por uma coletividade em um determinado tempo e espaço, caso contrário, não cumprirá seu fundamento basilar pautado na zona tensional entre os estreitos polos do real e do irreal.

Compreendendo-se dessa forma, a sociedade sempre mergulhada em impasses de toda ordem infraestruturante, carecerá do discurso de uma literatura fantástica, que de alguma forma, se apresentará, ora mais demarcada, ora mais acanhada, mas sempre estará ali cristalizada no bojo das inquietações vivenciadas por um povo. Em termos de Brasil, do tempo do Estado de Exceção ao tempo presente, neste jogo de oscilação de poder e do recrudescimento das direitas, inclusive em nível de mundo, há de se tratar da literatura fantástica, enquanto narrativa de resistência. Conforme Berardinelli (2016, p. 56), talvez as criações literárias (no caso aqui específico, a literatura fantástica) abarquem e, nos melhores casos abarcam, assim o diz, muito mais coisas do que aqueles que servem para se alinhar politicamente.

Comporta por fim destacar a natureza conceitual da ficção no pensamento de Rancière (2014) quando propõe uma reflexão acerca das estratégias dos artistas na medida em que exploram em seus trabalhos criativos campos de mudanças daquilo que é visível e enunciável, mostrando aos leitores o que não é naturalmente ou facilmente visto, criando estruturas de linguagens que correlacionam ideias, possibilidades de interpretações outras de modo a abrir caminhos para rupturas nas percepções e na dinâmica dos afetos. Em suas próprias palavras, assim define:

Ficção não é criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real. É o trabalho que realiza dissensos, que muda os modos de apresentação sensível e as formas de enunciação, mudando quadros, escalas ou ritmos, construindo relações novas entre a aparência e a realidade, o singular e o comum, o visível e sua significância (RANCIÈRE, 2012, p.64).

Em outras palavras, essas formas de experiência estética e os modos de ficção tratados por Rancière encontram nos contos de Lygia Fagundes Telles e José J. Veiga aqui trazidos para análise, uma paisagem enriquecida de tecido dissensual que naturalmente irá requisitar liberdades para novos olhares.

3 Metodologia

Nosso estudo parte da premissa básica de que o discurso fantástico, em ambas as obras ora analisadas, simboliza discursos de resistência em cenário de crise democrática e constitui-se em veículo de conscientização. Nesta tarefa, a soberania da resistência desse discurso reside na especificidade do seu enredo, na trama que produz, na linguagem que emprega, nas palavras escolhidas que tocam a emoção do leitor, que acabam por desarmá-lo e prepará-lo para uma nova forma de entender narrativas que falam do seu próprio mundo.

Estudar, pois, o estilo dos autores aqui selecionados traz ao lume sensações instigantes que foram constantes objetos de efetivas reflexões ligadas ao fato de que essa literatura resgatou nas suas entrelinhas um estilo literário no qual elementos fantásticos foram literariamente utilizados em uma estrutura narrativa que remonta o cenário social e político do Brasil nos anos 60 e 70, conseguiu fazer-se despercebida para a censura, confabulou eventos bizarros, inexplicáveis, exagerados ao lado de acontecimentos cotidianos em pleno cenário ditatorial de forma tão denunciativa, extrapolando as fronteiras do fantástico e provocando impactos no público leitor a partir de uma narrativa aparentemente alheia ao cenário social e político circundante.

Posto isto, o método estruturante deste estudo balizou-se na pesquisa bibliografia, comportando uma abordagem analítico-interpretativa em que os pressupostos teóricos e críticos acerca da literatura fantástica foram lidos, interpretados e contextualizados para maior alcance das análises pretendidas.

4 Resultados

É pertinente considerar que em ambas as obras, no corpo de cada parágrafo, na seleção de cada vocábulo, são evidenciadas características de um discurso de resistência presente na literatura fantástica. Nelas o inevitável questionamento sobre a veracidade dos acontecimentos, o espaço propiciador da hesitação, o jogo de ambiguidades, o alcance crítico de emprego da ironia, dos paradoxos, a presença de recursos metafóricos, a própria inexplicabilidade dos fatos narrados, a simbologia das imagens e até mesmo a alegoria, adotada no centro de outras propostas, diversa da proposição de Todorov, caracterizadoras do fantástico contemporâneo, tudo isso, sinaliza, dentre outras tantas referências aqui tratadas, traços comuns da construção do fantástico no universo ficcional de ambas as obras.

Embora sejam perceptíveis os traços estilísticos diferenciados entre Veiga e Telles, foi possível encontrar eixos de articulação comuns na abordagem do fantástico, inclusive na vertente de inquietação emanada no ato criativo de discurso de resistência em cenário de crise democrática.

Por exemplo, em Veiga se depreende traços de um estilo engajado:

Escrevo para conhecer melhor o mundo e as pessoas. Quem prestar atenção verá que os meus livros são indagativos, não explicativos. Isso faz deles um jogo ou um brinquedo entre autor e leitor; ambos indagando, juntos ou não, e descobrindo – ou não. Os meus textos são um exercício, ou uma aventura, ou um passeio intelectual. Eles não “acabam” no sentido tradicional, e nesse não acabar é que entra a colaboração do leitor (VEIGA, 1996, p. 2).

Da mesma forma, Telles valoriza nas suas produções as vertentes desse engajamento, no momento em que considera o seu trabalho de natureza engajada, ou seja, segundo suas próprias palavras, “comprometido com a nossa condição nesse escândalo das desigualdades sociais” (TELLES, 2002, p. 90).

Neste sentido, estudar a dimensão do discurso de resistência a partir da literatura fantástica nas obras de ambos os autores, aqui selecionadas, significou conhecer um pouco mais sobre o tempo em que elas foram produzidas, o Brasil no auge do regime militar (1964 – 1985), tempo caracterizado pela restrição de direitos e concentração de poderes, regime de exceção, momento em que as configurações sociais e políticas deixaram marcas profundas na história dos direitos civis e políticos de toda uma nação.

O tempo vivido no Brasil durante os vinte e um anos de regime militar e em diferentes

países da América Latina comporta uma releitura do conto *A Assembleia dos Ratos* e do Romance *A Hora dos Ruminantes*, haja vista o retorno do jogo de embate entre os movimentos de esquerda e de direita que instauraram, naquele intervalo de tempo, novas experiências de desdemocratização social, em diferentes partes do mundo, sobretudo no Brasil, tempos nos quais a hegemonia da direita golpeou a hegemonia da esquerda, implantando bandeiras de desdemocratização com um viés de aparente legalidade, às margens de um sistema democrático, sob a égide dos Atos Institucionais (AI), um contexto em que ocorreu um fortalecimento do poder central, sobretudo do poder Executivo, caracterizando um regime de exceção, momento em que o Executivo assumiu a função de legislar, em detrimento dos outros poderes estabelecidos pela Constituição de 1946, em suas garantias sociais e políticas.

A realidade sociopolítica de um Brasil mergulhado nas algemas do Regime Militar, ao longo de vinte e um anos de perseguição, censuras e mortes conseguiu conquistar um espaço privilegiado na literatura fantástica nos anos 60 e 70. Por analogia, também se observa que, a esfera sociopolítica que se configurou no período da implantação da Nova República no Brasil, desde o final da Ditadura Militar (1964), até os dias atuais, oportuniza novos espaços para renascimento da literatura fantástica. Em resumo, é plausível a compreensão de que o cenário de recrudescimento de um polo ou outro de poder, seja ele, de direita, ou de esquerda, por si só, quando põe em jogo aspectos que contrariam aspirações sociais almejadas, a exemplo delas, os ideais de democracia, de equidade e de justiça social, poderá, enfim, ocasionar o retorno do fantástico e desta forma, é natural que se instala também o retorno da análise avaliativa das produções fantásticas produzidas em meio a esse cenário.

Isso consolida uma compreensão de que o recrudescimento da direita no Brasil, considerando-se o período histórico aqui demarcado, bem como, a ameaça perceptível de morte da democracia impõem, por si só, a convocação imediata dessa literatura fantástica, na expectativa de que ela consiga compreender e colocar no plano da ficção, como se processam os mecanismos de opressão oculta presentes nos discursos e nas ações daqueles que gerenciam um sistema democrático enfermo, de modo a fazer com que a linguagem fantástica com toda a sua vertente de engajamento, sua ferramenta simbólica, possa se fazer perceptível e imperceptível na tarefa de olhar, compreender, esclarecer e denunciar situações que bem sempre se mantêm ideologicamente mascaradas, difíceis de serem lidas e interpretadas.

Neste sentido, esse cenário de crises nacionais aqui catalogadas, confere à literatura fantástica que se pretende produzir no tempo presente, o prenúncio de nova paráfrase: Que

tempos, meu Deus! – exclamaram as becas e as togas e começaram a pensar em formas alternativas de não assentirem que experiências semelhantes se façam presente na vida do povo brasileiro... Enquanto isso, a democracia sentada no banco de réus, espera pacientemente que a deusa Temis se instrumentalize com retidão na guarda dos homens e da lei, que prime seu estado de olhos vendados, imparciais e fechados para quaisquer armadilhas que possam trazer de volta as experiências desses anos de chumbo. Espera, sobretudo, que diferentemente do passado, seus braços se reabram para todos de forma equânime, justa e desinteressada.

5 Considerações finais

Um olhar voltado para compreender as evidências dos discursos de resistência em cenário de crise democrática nas entrelinhas da literatura fantásticas, narrativas ficcionalizadas de um passado nacional demarcado há aproximadamente seis décadas, quando se instaurou no país um regime de autoritarismo e opressão característico das ideias e da práxis do estado de exceção, paradigma de governo pautado na imposição do poder administrativo e militar em detrimento das garantias dos direitos fundamentais, foi tarefa perseguida no curso de todo este estudo. À luz de todas as leituras e análises empreendidas, verificou-se a abrangência de um discurso de resistência que de forma metafórica entrelaçou na narrativa de ambas as obras ficção e discurso de resistência em torno da realidade política, social e histórica do tempo em que elas foram produzidas.

Uma leitura atenta da linha sucessiva de acontecimentos históricos vivenciados no curso desse tempo, aliada a uma leitura minuciosa de ambas as obras, parece suscitar um jogo de imagens que, em muito, metaforizam dados de uma realidade concreta. A exemplo disso, um exercício de releitura das três invasões confabuladas em Veiga, bem como uma releitura da invasão e da devastação dos ratos em Telles cabem no texto de diferentes sociedades que, em passado recente, enfrentaram o divórcio crescente entre sociedade e política.

Nos moldes de uma compreensão interna, substancializada no universo das diferentes leituras até aqui empreendidas, depreende-se que a galopante agonia das instituições democráticas de um país poderá fomentar a produção de diferenciados discursos de resistência e estes encontram espaço fértil na literatura fantástica. Neste sentido, o Brasil pós-64, ao sofrer os efeitos do recrudescimento das direitas, sob o comando de sucessivos governos militares e consequente acirramento de desconexão entre sistema político e sociedade, agravada por

diferentes polêmicas e desgastes, consolidou o cenário propício de efervescência da literatura fantástica e com ela sólida proposta de construção de discursos discordantes da ordem vigente, discursos de resistência.

Neste sentido, independente do tempo ou do espaço, quer se olhe para a nação do passado, ou a nação de novos tempos, qualquer uma delas que se encontre mergulhada em um plano de crises, sobretudo aquelas ocasionadas pelo recrudescimento de forças políticas ideológicas, de direita ou de esquerda, ainda que legitimadas pelo voto, quando debandarem por abismos sociais marginalizantes da figura humana, enquanto sujeito portador de direitos e garantias, haverá de aparecer as produções de cunho fantástico que metaforizarão todo esse quadro fazendo uso contextualizado de discursos de resistência.

O que provavelmente se espera diante de uma possível efervescência do fantástico e seus discursos, frente à tarefa de metaforização do quadro evolutivo das demandas políticas e sociais de um dado tempo, em uma dada sociedade, talvez seja, o estudo sistemático dessa nova configuração do discurso fantástico, certamente passível de mudanças na forma de perceber e registrar as novas metáforas advindas de outros paradoxos, outras bizarrices, outro quadro de controle, alienações e ideologias do tempo e da hora que ela ficcionaliza. Há de se abrirem caminhos que interpretem as novas antropomorfizações sociais propostas pela literatura fantástica, de preferência no solo de novas histórias que refaçam passos de opressões possíveis de avizinharem-se de terrenos aparentemente tranquilos, irrompendo o silêncio de noites aparentemente tranquilas, tal como ficcionalizou-se o cedo e rápido cair da noite, em Veiga ou o clarão iluminado a noite, em Telles.

Assim, a partir deste ponto, este estudo deixa aberta as fronteiras para novos olhares acadêmicos que se interessem pelos próximos capítulos de uma literatura que muito tem a confabular sobre diferentes momentos de uma nação e de um povo, cunhando em cada um desses momentos, um protesto metafórico simbolizado por um discurso de resistência que intenta asfixiar as crises de uma democracia agonizante.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: MORAIS, Osana Santos. Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Recursos, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. BRANDÃO, Saulo Cunha de Serpa. Supervisão, Validação, Recursos, Escrita - revisão e edição.

Referências

BERARDINELLI, Alfonso. *Direita e esquerda na literatura*. Belo Horizonte/Veneza: Editora Âyiné, 2016.

CAMARANI, Ana. *A Literatura Fantástica: Caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes*. 3. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. *De cortiço a Cortiço*. Novos Estudos. CEBRAP, nº 30, julho 1991, p. 111 a 129.

ESTEVAM, Mariana. *Literatura e Política, de ontem e de hoje: Vínculos e Fronteiras Moverdas entre Dimensão Literária e Esfera Política*. São Paulo: ILP, 2011.

LOVECRAFT, Howard Philips. *Horror Sobrenatural em Literatura*. Tradução Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MANNA, Nuno. Política do Fantástico. *Caderno Seminal Digital*, ano 18, n. 17, jan – jun, 2012.

PAZ, Otávio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos Ratos*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

TELLES, Lygia Fagundes. *Durante aquele estranho chá: Perdidos e Achados*. org. Suênio Campos de Lucena. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. *Lygia Fagundes Teles entrevistada por Clarice Lispector*. Entrevista concedida ao Templo Cultural Delfos, Elfi Kurten Fenske, Ano VIII, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*, trad. Sílvia Delpy, 2. Ed. México: Editora do Seuil, 1981.

VEIGA, J. J. *A hora dos ruminantes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

VEIGA, J. J. *Por que escrevo?* São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

VEREZA, Solange C. O lócus da metáfora: Linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Letras e Cognição*, n. 41, 2010. p. 199-212.